

Letras

"A Tragédia", esboço de "Os Maias"?

João Alves das Neves

A controvérsia não vai acabar tão cedo: *A Tragédia da Rua das Flores* é apenas um esboço de *Os Maias*? Por que é que somente em 1980 foi publicado o romance anunciado por Eça de Queiroz ao seu editor em 1877? E por que duas edições ao mesmo tempo?

A leitura da obra que permaneceu inédita por mais de um século põe estas e muitas outras interrogações, a maior parte das quais sem resposta. Em relação à primeira, consideramos que, apesar de alguns pontos de contato, *Os Maias* não são a versão definitiva de *A Tragédia*: trata-se, de fato, de duas obras distintas, embora o autor tenha transferido algumas personagens e situações de um texto para o outro; no entanto, as semelhanças entre "Genoveva" e "Maria Eduarda" não se revelam tão acentuadas como poderia parecer, nem tampouco entre "Vitor Silva" e "Carlos da Maia".

Pergunta irresponsável é a da demora na edição do texto, pois Eça o referiu por algum tempo em suas cartas, até que parece tê-lo esquecido, como se ele não existisse mais. Estranha é também a decisão da família do escritor, em 1925, pois neste ano foi noticiado o próximo lançamento do livro, finalmente publicado há meses. O que se terá passado?

No plano meramente literário, estas dúvidas seriam desimportantes, se não se tratasse de Eça. O certo é que em 16/3/1924 o filho do escritor, que foi o responsável pela apresentação de várias das obras póstumas de seu pai, enviou aos editores José e Antônio Lello "as quatro primeiras folhas de quatro obras novas, desconhecidas, insuspeitadas: *A Capital*, *Genoveva* (isto é, *A Tragédia da Rua das Flores*) e duas novelas de que ainda não encontrei o título". E adiantava que os manuscritos eram conhecidos da família, mas que não haviam sido examinados nem compilados. Entretanto, tinham sido publicados os *Ecos de Paris* e as *Cartas da Inglaterra* (recordados dos jornais), *A Cidade e as Serras* (o autor revisara quase todo o livro), enquanto *A Ilustre Casa de Ramires* e parte do *Fradique* tinham sido parcialmente divulgadas em folhetins. Quanto aos *Santos* (das *Últimas Páginas*), embora manuscritos, tinham sido copiados. E explicava o filho do autor de *Os Maias*: "O mesmo não se dá, infelizmente, com os novos originais que penso agora publicar: escritos dum jato, impetuosamente, no fogo da inspiração, com essa espantosa facilidade com que meu pai trabalhava, concebidos com essa espontaneidade, com essa *verve*, se assim se pode dizer, tão características do seu gênio, lançados no papel, dum fôlego, da primeira à última linha, sem uma hesitação, quase sem uma emenda, esses manuscritos não podiam representar, como aquelas que até hoje se publicaram, uma produção definitiva do Artista".

Não obstante, no ano seguinte, os editores Lello & Irmão imprimiram um folheto de 12 páginas (redigido no todo ou em parte pelo filho do escritor?) anunciando o lançamento de 7 inéditos ecianos: *O Conde de Abranhos*, que foi editado em 1925 com prefácio de José Maria Eça de Queiroz (filho do ficcionista português); *A Tragédia da Rua das Flores*; *Alves & Cia.* (publicado em 1925, com uma nota prévia do mesmo filho de Eça); *Correspondência* (também lançado no mesmo ano com uma introdução do filho do escritor); *Páginas Esquecidas* (que apareceram em 1929 sob o título de *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas*, prefácio datado de 1928, de José Maria Eça de Queiroz, que faleceu antes do volume vir à luz); *Notas de Viagem* (que surgiu em 1926 com o título de *O Egípto — Notas de Viagem*, com introdução do filho do escritor) e *A Capital*, publicado em 1925 com a "Introdução" Os últimos inéditos de Eça de Queiroz", assinada



A Tragédia da Rua das Flores, inédita por mais de um século.

por José Maria Eça de Queiroz (filho).

Chama-se a atenção para o fato de terem sido publicados todos os volumes programados em 1925, com exceção de *A Tragédia*. E, no entanto, já nessa altura os editores (ou o filho do escritor?) explicavam: "*A Tragédia da Rua das Flores*, a que, repetimos, impropriamente se chamou uma primeira dos *Maias* tem, todavia, parentesco inegável com este romance. O drama essencial que forma o enredo do livro é o mesmo, porém, mais intenso, mais grave, mais trágico. Contudo, desenvolvendo-se a ação noutra meio, pertencendo os personagens a outra esfera social e moral, construído sobre outras bases, seguindo uma curva diversa, o atual romance difere essencialmente do seu sucessor, tanto pela tendência artística, pela índole literária, como pela própria intenção moral da obra". E, após estas observações críticas que reputamos acertadas, lia-se ainda no folheto-anúncio de 1925: "*A Tragédia da Rua das Flores* não é, pois, como *Os Maias*, a apreciação crítica duma sociedade, mas, pelo contrário, o estudo psicológico duma paixão mórbida, das suas causas remotas e das suas conseqüências trágicas".

De qualquer forma, as judiciosas observações não esclarecem o mistério: por que só agora foi editada *A Tragédia*? Compulsando as duas edições portuguesas (de Livros do Brasil e de Moraes-Editores), também não achamos resposta clara à indagação. É evidente que não nos interessa a briga entre as duas firmas, mas reconhecemos que é mais cuidada a fixação do texto e notas de João Medina e A. Campos Mata, ambos com estudos ecianos já publicados anteriormente (do primeiro, conhecemos um interessante *Eça de Queiroz e o seu tempo*, publicado em 1972, e do segundo, os excelentes *Imagens do Portugal Queiroziano*, editadas em 1976).

São inúmeras as informações contidas no prefácio de João Medina, mas nenhuma delas esclarece os motivos pelos quais *A Tragédia* somente agora foi publicada. E à pergunta também não é dada nenhuma resposta concreta nos sucessivos prefácios e notas dos livros póstumos de Eça, apresentados por seu filho

José Maria. Outra lacuna paradoxal é que em nenhuma das duas edições de 1980 há informações esclarecedoras sobre o que se passou depois de 1925.

Na edição de Livros do Brasil, "transcrição anotada do original manuscrito", com fixação do texto e notas de Mascarenhas Barreto e uma advertência de João Palma-Ferreira, juntam-se, em apêndice, o antepiano, o plano e a primeira redação do 1º capítulo. E, ao que se sabe, o texto foi preparado com base no manuscrito existente na Biblioteca Nacional de Lisboa. O romance, propriamente dito, alonga-se, na edição de Livros do Brasil, por 343 páginas, mas o corpo de impressão é menor que o da Moraes-Editores, com 417 páginas. E ninguém explica por que é que os editores Lello & Irmão prometeram, no folheto-anúncio de 1925, "1 volume de 500 páginas".

João Medina e A. Campos Matos garantem que o seu trabalho "assentou na preocupação de absoluta fidelidade ao manuscrito original, que nos foi facultado pela família de Eça de Queiroz", acrescentando que apenas houve "duas importantes ressalvas lógicas: no tocante à ortografia e à pontuação". De outro lado, adiantam que a família do escritor também lhes facultou a versão que de *A Tragédia* fizera o filho do autor: "essa versão que, ao que parece, havia tido também a intervenção posterior de outras pessoas, limitava-se, porém, a decifrar o manuscrito, deixando inúmeras lacunas por resolver e interpretando erradamente diversas passagens. Porfiámos em preencher os vazios que nela se continham e em corrigir também deficiências ou incorreções de interpretação, em confronto minucioso com o original.

Em carta divulgada por um vespertino lisboeta, d. Maria da Graça Salema de Castro, viúva de um neto de Eça de Queiroz, esclareceu que a versão de José Maria, filho do escritor, revista por Medina e Matos, foi proposta pela família de Eça aos Livros do Brasil, que a recusaram. Entretanto, o ensaísta João Gaspar Simões, autor de *Vida e Obra de Eça de Queiroz*, um dos mais completos estudos sobre o ficcionista de *O Crime do*

Padre Amaro, recordou há dias, em entrevista ao diário português *O Primeiro de Janeiro*: "Desde 1925 que a publicação do romance estava anunciada pela casa Lello & Irmão, e sabe-se agora, depois que o revelou, em 1975, Guerra Da Cal, na sua *Bibliografia-Activa*, 'apêndice' ao seu livro *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*, que, em 1927, chegaram à estar impressas 300 páginas do livro. A filha do escritor, que dizia ser esta a única obra do pai que não lia com agrado, concorreu, por certo, para a interrupção do trabalho no prelo, como se depreende, aliás, de uma carta datada de maio de 1927, dirigida pelo editor ao filho do romancista, José Maria, onde se pedia a devolução das provas corrigidas. Possivelmente, o regime estabelecido pelo '28 de Maio' concorrera para sustar a publicação de um romance que a família considerava escandaloso". (Anotar-se que o livro de Guerra Da Cal foi editado em Lisboa e no Rio, mas em nenhuma das edições em português foi incluído o esclarecedor "apêndice".)

Terão sumido as 300 páginas impressas, baseadas na versão do filho do escritor, José Maria? Ou Medina e Matos compararam a sua versão com outra versão manuscrita do filho de Eça? E qual será a mais fiel? João Gaspar Simões entende que o filho do romancista foi um inegável especialista da obra queiroziana, mas, mesmo sendo-o, "cometeu erros, como o provou, pelo menos para O Egípto, o professor francês Girodon".

De tudo isto, há que perguntar agora: valeu a pena publicar *A Tragédia da Rua das Flores*? Sem dúvida que valeu, como valeram todas as obras póstumas, não revistas pelo autor. Mas não se trata de um esboço de *Os Maias*? Não, conforme poderá ser demonstrado pela análise das principais figuras de ambos os romances. De resto, já existem os "casos" de outros romances ecianos: *A Capital* também foi criticada como antecipação de *Os Maias*, do mesmo modo que os conselheiros, poetas, jornalistas, etc., e outras personagens passam de uns livros para os outros. Pena é que Eça de Queiroz não tenha elaborado a forma definitiva de *A Tragédia*, como fez por exemplo, com *O Crime do Padre Amaro*, que teve 3 versões (primeiro na *Revista Ocidental*, em 1875; depois, a 1ª edição em volume, de 1876, e por último a versão definitiva, isto é, a 2ª edição, em 1880. E o mesmo ocorreu com *O Mandarin*, publicado inicialmente no *Diário de Portugal*, de 7 a 18/7/1880, sabendo-se que a 1ª edição em volume saiu no mesmo ano, bastante corrigida. *A Relíquia* apareceu na *Gazeta de Notícias*, do Rio, antes de ser impressa em 1887 (não sabemos se existe algum estudo comparativo entre a edição de 1887 e o texto divulgado no jornal carioca, no qual Eça colaborou de 1880 a 1897). Quanto ao *Mistério da Estrada de Sintra*, sabe-se por carta de 20/7/1883 que houve correções, tanto mais que a 2ª edição veio a lume somente em 1885. E, na *Campanha Alegre* Eça desbastou largamente a prosa primitiva, conforme provou Paulo Cavalcanti em *Eça, agitador no Brasil*.

Entretanto, ao vermos *As Minas de Salomão* nas obras completas, poderia fazer-se um estudo comparativo entre a "versão" eciana e o original (na edição que possuímos da Lello & Irmão, de 1958, nem sequer se menciona o autor...). Depois de tudo isto não vale mais a pena inquirir se *A Tragédia da Rua das Flores* é um esboço de *Os Maias*, sobretudo se nos lembrarmos da informação de Lopes de Oliveira, em *Eça de Queiroz, a sua vida e a sua obra*: "Quanto a *Os Maias*, sabemos que o seu autor tentou uma 2ª edição corrigida, talvez mesmo refundida e recomposta, opondo-se a ela os editores, que tinham a propriedade do romance".